

O Voo do Manto e o Pouso do Manto: Uma Jornada pela Memória Tupinambá

Glicéria de Jesus da Silva

Como citar:
JESUS DA SILVA, Glicéria. O voo do Manto e o Pouso do Manto: uma jornada pela memória Tupinambá. MODOS: Revista de História da Arte, Campinas, SP, v. 8, n. 2, p. 294-333, mai.2024. DOI: 10.20396/modos.v8i2.8675041. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8675041.

Imagem [modificada]: Glicéria Tupinambá, Pouso do manto no JAMAC. Foto: Bruno Oliveira. Fonte: arquivo da autora.

O Voo do Manto e o Pouso do Manto: Uma Jornada pela Memória Tupinambá

The Flight of the Cloak and the Landing of the Cloak: A Journey through Tupinambá Memory

Glicéria de Jesus da Silva*

RESUMO

O artigo descreve e analisa o projeto "Manto em Movimento", que compreendeu uma exposição de pesquisa e uma série de visitas de um Manto Tupinambá da Serra do Padeiro a espaços e comunidades de São Paulo, desde a aldeia Kalipety, em Parelheiros, até o Museu de Arte Contemporânea da USP, passando por vários outros locais e dialogando com sujeitos diversos, numa iniciativa artístico-diplomática. O projeto foi concebido e organizado por um comitê curatorial, do qual a autora do artigo fez parte, e aconteceu entre setembro e dezembro de 2023. Fomos movidos pelo que tenho chamado de "feitiço do fio", ou seja, pelo poder que o manto possui de reunir pessoas, instituições e objetos ao redor dele, para seguir seu processo de retomada.

PALAVRAS-CHAVE

Manto Tupinambá da Serra do Padeiro. Povos originários. Exposições. Projeto "Manto em Movimento".

ABSTRACT

The article describes and analyzes the "*Manto em Movimento*" project, which comprised a research exhibition and a series of visits by a Tupinambá cloak from Serra do Padeiro to spaces and communities in São Paulo, ranging from the Kalipety village in Parelheiros to the Museum of Contemporary Art at USP, passing through various other locations and dialoguing with different people, in an artistic-diplomatic initiative. The project was conceived and organized by a curatorial committee, of which the author of this article was a member, and took place between September and December 2023. We were moved by what I have called the "spell of the thread", in other words, by the power of the cloak to gather people, institutions and objects around it, in order to take its place again.

KEYWORDS

Manto Tupinambá da Serra do Padeiro. Native peoples. Exhibitions. "Manto em Movimento" Project.



FIG. 1. *Manto em Movimento* na Casa do Povo, 2023. Foto:Pérola Dutra. Fonte: aquivo da autora.

Introdução

O projeto "Manto em Movimento" é composto de uma exposição de pesquisa e uma série de visitas do Manto Tupinambá da Serra do Padeiro a espaços, comunidades e instituições na cidade de São Paulo. Organizado pelo comitê curatorial formado por mim, Augustin de Tugny, Benjamin Seroussi, Fernanda Pitta, Juliana Caffé e Juliana Gontijo, o projeto também contou com a participação de Ana Druwe, Caio Lescher, Laura Daviña, Lívia

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Viganó, Olga Torres e Jean Camoleze e todas e todos os agentes, parceiros e representantes dos espaços, comunidades e instituições que o manto visitou no período entre 3 de setembro e 9 de dezembro de 2023. O grupo foi levado pelo que tenho chamado de "feitiço do fio" – a força que o chamado do manto tem de reunir pessoas, instituições e objetos ao redor dele para seguir seu caminho de retomada.

O "Manto em Movimento" expande a rede já formada por mim, Augustin de Tugny, Juliana Gontijo e Juliana Caffé. Nos reunimos em 2020 para realizar a exposição *Assojaba Tupinambá - A grande volta do manto Tupinambá*, apresentada em Brasília, Porto Seguro e na Aldeia da Serra do Padeiro, na Bahia (Caffé; Gontijo: 2023).

O feitiço do fio tece mais alianças afetivas (Krenak, 2022) e o grupo se reúne novamente a convite da Casa do Povo [Fig.1], instituição criada pela comunidade judaica no bairro do Bom Retiro[1], em 1946, e do MAC USP, o museu de arte contemporânea da Universidade de São Paulo, com o objetivo de trazer o manto para a cidade, expandindo a rede anteriormente estabelecida.

Ao invés de guardá-lo preso num só espaço físico, reproduzindo um gesto colonial de apropriação, a proposta coletiva foi de fazê-lo viajar, encontrar pessoas, instituições e objetos para seguir tecendo encontros. Ao aliar-se à nossa luta e resistência Tupinambá, o projeto convida a refletir sobre modos expositivos, museológicos e sobre as relações entre arte, memória e patrimônio a partir de nossa perspectiva indígena.

A experiência promovida pela Casa do Povo em parceira com o MAC USP parte de aproximações e reflete sobre afinidades. A primeira delas foi colocada pela pergunta:

> O que o povo tupinambá e o povo judaico têm em comum? Entre guerras, ocupações, espoliações, revoltas, prisões e conversões forçadas, genocídio e etnocídio, ambos os povos inventaram táticas para acessar outros mundos, ativar suas ancestralidades e reconstruir suas comunidades (Tupinambá *et al.*, 2023: 1).

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963



FIG. 2. Painel da exposição *Manto em Movimento*, desenhado com Laura Daviña e Livia Viganó.
Foto:Pérola Dutra. Fonte: aquivo da autora.

A crença no compromisso com a solidariedade entre povos fundamentou, portanto, o projeto. Na Casa do Povo, a exposição instalada na biblioteca da instituição propôs puxar os fios de minha pesquisa, realizada há mais de uma década. Dois grandes painéis apresentam-se como mapas mentais [Fig. 2]. Brinco que é uma tradução do meu cérebro. Eles procuram dar uma forma ao processo e ao significado do reencontro com os mantos, a minha vivência e reflexões durante esse período, uma pesquisa que continua. Nessa caminhada, um manto vai chamando outro manto, conectando os fragmentos da história, retomando territórios, produzindo reconhecimento. Costumo dizer que nossa história é como um pote quebrado, e eu me coloco como alguém que recolhe esses cacos.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

No painel principal, o feitiço do fio abre-se em três percursos. O primeiro deles, sinalizado em azul, traça o caminho que me levou ao encontro dos 11 mantos hoje guardados em coleções europeias (Bélgica, Dinamarca, França, Itália e Suíça) e aos dois mantos que eu localizei na bibliografia, mas que ainda não foram localizados. Em verde, articula-se o trajeto e as conexões que desenvolvo. Através dele, pude compreender a agência dos mantos no autogoverno tupinambá – nossas formas políticas de autogestão comunitária, bem como seu papel no alto governo do meu povo – as relações diplomáticas entre Tupinambás, colonizadores e os demais povos indígenas no território brasileiro. Um terceiro percurso desse painel acompanha a reflexão que faço em torno do papel das mulheres na cultura e na história Tupinambá, reflexão esta que se condensa na afirmação: o manto é feminino .



FIG.3. Painel "O Manto é Território".
Foto:Pérola Dutra. Fonte: aquivo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Um segundo painel articula-se em torno da ideia: o manto é território [Fig. 3]. Nele, demonstra-se como a retomada da feitura dos mantos está conectada à luta pela demarcação, à resistência e à recuperação do território do povo Tupinambá da Terra Indígena de Olivença, e da aldeia da Serra do Padeiro ali localizada. Mostra-se também como essa luta e retomada é um processo comunitário e coletivo, que implica uma aliança entre agentes humanos e não-humanos.

Duas mesas no espaço expositivo apresentam documentos, vídeos e um mapa que marca os pousos do manto na cidade de São Paulo e as trocas interinstitucionais para a realização dos pousos. Na biblioteca, o manto foi apresentado em um cavalete, que permaneceu no espaço, simbolizando a presença do manto, mesmo quando este estava em seu voo. Além dele, as estantes da biblioteca da casa do povo abrigaram um capuz, a malha do manto (o osso do manto, como costumo chamar), juntamente com uma cuia onde foi colocada uma bola de cera de abelha. Coloquei esses elementos ali para que o público tomasse contato com o processo de feitura dos mantos, ajudando que ele compreendesse que o manto não é um objeto, mas um agente de muitas relações comunitárias, territoriais e cosmológicas.

O experimento de visitas, que foi chamado de "voo do manto" pelo comitê curatorial, consistiu num tecer de relações. A partir de um convite formulado pelo comitê, uma carta formal foi enviada para uma lista inicial de lideranças, espaços e instituições, escolhidos a partir de discussões do comitê. O critério foi o das afinidades e alianças afetivas. Estabeleci como única condição que os lugares de acolhimento do manto fossem aqueles onde ele pudesse se sentir bem – um hóspede que visita seus anfitriões e é grato por aquilo que podem lhe oferecer – um pouso, uma comida, um leito, uma conversa. A partir desse convite, negociações foram sendo estabelecidas para que o manto fosse recebido pelos distintos lugares, visando o cuidado que ele requer, de ser recebido com dignidade. A visita poderia durar um dia ou uma semana, dependendo das possibilidades do anfitrião.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963



FIG.4. Glicéria Tupinambá na frente do manto, exposto na Casa do Povo.
Foto:Pérola Dutra. Fonte: aquivo da autora.

O tempo da estadia foi sempre acordado levando-se em conta a disponibilidade do espaço, a afinidade com sua programação, a vontade e a oportunidade da visita do manto para estabelecer alianças, para somar em lutas, para trocar experiências. O projeto disponibilizou transporte e seguro para o manto, negociando condições profissionais para falas, palestras e atividades oferecidas por mim. Também foi importante dialogar para que instituições com mais condições ou recursos pudessem colaborar com a viabilidade das visitas a espaços e organizações autogeridas. Todos contribuíram, segundo as suas capacidades. Esse aspecto foi bastante negociado ao longo do projeto e permitiu observar muitas dinâmicas do

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

meio das artes e dos museus, em especial. Observei muita generosidade vinda de contextos menos favorecidos.

O manto foi ao encontro de quem ouviu o seu chamado. Durante os meses de setembro a dezembro de 2023, o manto visitou aldeias, museus, ocupações – saindo da e voltando para a Casa do Povo. Algumas dessas visitas foram acompanhadas por mim e por membros do comitê curatorial, criando espaços de troca, conversas, falas públicas e debates.

O projeto "Manto em Movimento" é um desdobramento do que venho realizando desde os anos 2000. Minha atuação parte de um gesto simples e potente – enquanto se negociava a volta dos mantos da Europa, eu me coloquei a pergunta: por que o povo Tupinambá que segue vivo em Pindorama não podia fazer um novo manto? E foi o que fiz – com a minha aldeia na Serra do Padeiro, com os mais velhos, com as crianças, com pesquisas bibliográficas, com expedições em coleções europeias, com aliadas e aliados e com o apoio dos sonhos e a autorização dos Encantados. Não parti da forma ou do objeto, mas sim do gesto: fui relembrando, de dentro pra fora, do pássaro até a pena, do nó para a malha, o que significa fazer o manto. Seguindo o que chamo de "feitiço do fio", criei, com a autorização dos Encantados, três mantos – um que veste o Cacique Babau, outro que se encontra no Museu Nacional e este terceiro que pousou na Casa do Povo, "aninhado entre os livros ídiche" (Tupinambá *et. al.*, 2023: 1).

O texto curatorial do projeto assim explica:

> Entre guerras, ocupações, espoliações, revoltas, prisões e conversões forçadas, genocídio e etnocídio atravessam a história do povo Tupinambá. Um povo que já foi declarado extinto e teve que pedir o seu reconhecimento de volta - o que lhe foi concedido pela FUNAI em 2001, um ano depois que Seu Aloísio e dona Nivalda - a Amotara - reencontraram um de seus mantos, na mostra do Redescobrimento em São Paulo. Era o manto da coleção do Museu da Dinamarca, que hoje está para retornar ao Brasil, depois de um longo processo de negociação em que, os mais velhos como dona Nivalda, assim como os mais jovens como Glicéria, tiveram um papel fundamental.[2]

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Glicéria Tupinambá ou Célia Tupinambá: Jornada como Guardiã da Cultura Tupinambá

Antes de continuar narrando o voo do manto, deixe-me apresentar. Meu nome é Glicéria Tupinambá, e sou uma integrante orgulhosa da comunidade Tupinambá. Nasci e fui criada imersa nas tradições e na espiritualidade do meu povo. Desde muito cedo, fui fascinada pela riqueza da nossa cultura e pela profundidade dos nossos conhecimentos ancestrais. Assumi um compromisso de vida para ser a guardiã desses saberes e tradições, um papel que considero sagrado.

Dentro da comunidade Tupinambá, sou reconhecida como uma liderança espiritual e cultural. Isso envolve responsabilidades significativas. Uma das mais destacadas é a preservação do "Feitiço do Fio", um conhecimento ancestral que representa uma parte essencial da nossa cultura. Esse feitiço é muito mais do que uma simples técnica; é uma conexão profunda com nossa espiritualidade, com a natureza e com nossos antepassados. O "Feitiço do Fio" tem o poder de unir as gerações, de curar e de fortalecer a comunidade.

A minha função vai além de ser uma guardiã da cultura. Sou uma mentora, ensinando aos jovens da nossa comunidade os segredos da natureza, a importância de respeitar e proteger o nosso planeta e o legado de nossos antepassados. Acredito que, ao compartilhar esses ensinamentos, estamos preparando as próximas gerações para enfrentar os desafios do mundo moderno sem perder nossas raízes culturais.

No entanto, o meu papel não se limita à comunidade. Tenho me engajado ativamente na defesa dos direitos indígenas. No Brasil, muitos povos indígenas enfrentam ameaças constantes à sua terra, à sua cultura e aos seus modos de vida. Como defensora dos direitos indígenas, tenho trabalhado incansavelmente para sensibilizar o público e as autoridades sobre a importância de respeitar e preservar as terras indígenas e as culturas que nelas florescem.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Minha jornada como Glicéria Tupinambá é uma busca constante pela preservação da nossa herança cultural e espiritual. Estou comprometida em fortalecer nossa comunidade e em assegurar que as futuras gerações dos Tupinambá continuem a prosperar, com um profundo entendimento de suas raízes e um olhar para o futuro cheio de esperança.

O impacto que procuro produzir, provocado pela movimentação do manto, expande-se para além do campo de artes. Compreendo a arte como um caminho de difusão da luta dos povos originários. O foco do manto está em produzir este movimento em diferentes ambientes. Ele é tanto um símbolo da memória de toda a violência imposta para que ele deixasse de existir entre seu povo, como também do esforço e do fazer coletivos, o fazer da luta pelo território. Neste sentido, ele é uma malha que continua atando o fio da história, conectando tempo e espaço.



FIG.5. Roda de conversa na abertura de "Manto em Movimento", na Casa do Povo.
Foto:Pérola Dutra. Fonte: aquivo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Há um outro sentido importante articulado nesse processo. O manto e sua agência ancestral promovem deslocamentos de sentido que permitem essa transformação, para que haja esse tráfego, um artefato histórico que é também contemporâneo, que demonstra que as temporalidades estão conectadas.

Colocamos em prática um projeto curatorial que visa o decolonizar de pensamentos. No projeto "Manto em Movimento" nossa metodologia tem sido provocar, sobretudo a partir dos encontros entre o manto e seus locais de acolhimento. Nesses espaços, surge uma zona de contato, como também de tensão. Lança-se um desafio para cada espaço que se abre a acolher o manto. Para as instituições não-indígenas, coloca-se a pergunta – qual é a sua contribuição para a inclusão de pesquisadores indígenas e de seus processos em museus, instituições, espaços culturais? Quais são os seus esforços para contribuir com diálogos e com a construção de dinâmicas e práticas de memória, patrimônio que fortaleçam os povos indígenas?

O voo do manto e seus pousos

Encontro de territórios. Aldeia Kalipety

No primeiro voo o manto foi para a aldeia Kalipety, Guarani-Mbya no extremo sul de São Paulo. A saída aconteceu logo após a abertura da exposição na Casa do Povo, em que realizei um toré com a participação do público, bem como uma fala de abertura. Acompanhando o manto, foram representantes da Casa do Povo e do projeto, além do grupo de professores do curso "Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani"[3], Wera Alcides, Xeramoi Elias, Txuká Alice e Jera Guarani, que ministraram aula na Casa naquele dia e voltavam para casa.

Na aldeia, o manto foi acolhido na casa de reza, a Opy. No centro da casa de reza havia uma fogueira. As pessoas sentaram-se ao redor da fogueira

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

para conversar. O manto foi posicionado ao lado do altar dos pajés.

Este lugar me trouxe várias lembranças do tempo vivido junto aos mais velhos de minha aldeia, bem como do período de retomada pelo território Tupinambá. Compartilhei com os parentes Guarani-Mbya algumas histórias do tempo da retomada.

O xeramoi Elias girou o maracá e as conversas foram silenciando. Ele fez sua reza, baforou a fumaça da *petynguá*[4] perto do altar e também sobre o manto. Depois fomos cuidar de nos alimentar. Comemos sopa feita com aipim, arroz e peixe. Samuel contou que faria bagel para todos no outro dia. Eu falei da batata purga, boa para prisão de ventre, e Jera Guarani me pediu que compartilhasse uma muda da batata com ela, já que seria útil para a comunidade, pois muitos bebezinhos e mulheres sofrem desse problema. Dormimos na casa de artesanato. Pela manhã, algo interessante aconteceu. Ao invés de escutar o canto do galo, que é o habitual em uma aldeia, escuto o canto do gavião, como sempre três vezes, mostrando sua presença.

Levantamos para tomar café, e provar do cuscuz de milho cultivado pelas famílias guarani. Fiz minha parte e ajudei as meninas a descascar o aipim para o almoço. Conversamos sobre possíveis trocas com a minha aldeia, pois temos muitas espécies de mandioca, aipim, banana. Discutimos como seria possível fazer uma parceria para que os guaranis nos visitassem e fizéssemos esse intercâmbio. Lembrei da festa da farinha, que acontece todo mês de novembro, bem como das festas de janeiro. Ficamos de conversar mais a esse respeito e buscar meios de tornar essa visita possível.

Após o café da manhã, fomos pegar o manto. Chegaram várias mulheres e crianças para nos acompanhar. Dirigimo-nos para a casa de reza, e lá dentro eu fiz uma apresentação, contando um pouco da história do manto. Fiz um toré e os parentes fizeram alguns cantos guarani para nós. Depois disso, colocamos o manto do lado de fora da casa de reza, próximo à casa de artesanato, a pedido de Jera, que disse que havia uma parede bonita para as fotos.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963



FIGS. 6 (A-B). Cerimônia na Opy, Aldeia Kalipety. Foto: Fernanda Pitta. Fonte: acervo da autora.

Tiramos fotos com o manto, os parentes baforaram o *petynguá* sobre ele. Mulheres, homens, jovens e crianças aproximaram-se do manto e o tocaram. Pediram-me para que eu mostrasse como era vestir o manto e tiramos fotos desse momento também. Foi um sentimento muito forte ver como essa memória da técnica adormecida do manto mobiliza a todos [Figs. 6a e 6b].



FIG. 7. Integrantes da Aldeia Kalipety, Glicéria Tupinambá e visitantes na frente da Casa de Artesanato Guarani. Foto: Fernanda Pitta. Fonte: acervo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963



FIG. 8. Glicéria Tupinambá veste o manto a pedido de Jera Guarani.
Foto: Fernanda Pitta. Fonte: acervo da autora.

Para mim, foi uma experiência muito relevante vivenciar a força guarani. Da língua, dos costumes, de sua diversidade, e de seu esforço em garantir a sua luta, sua resistência. O manto ficou uma semana na aldeia, para que os professores de lá pudessem ver e falar sobre o manto com os estudantes [Figs. 7 e 8].

O manto é feminino. Museu das Culturas Indígenas

Depois da estadia de uma semana na aldeia Kalipety, o manto retornou para a Casa do Povo. No dia 11 de setembro, o manto levantou um novo voo para o Museu das Culturas Indígenas (MCI), localizado em São Paulo.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

No museu, ele foi acolhido por parentes Pataxó que estavam de passagem pela cidade. Os parentes fizeram seus rezos para o manto, que ficou instalado em uma das salas da exposição Igapó-Terra Firme, do parente Denilson Baniwa. A sala chamada "Terra Firme" tem um chão de folhas secas e um tronco onde é possível sentar. Essa árvore foi morta pela especulação imobiliária na Terra Indígena do Jaraguá e está ali como testemunho das violências sofridas pelos guarani, mas também de sua resistência. É um espaço de muita força. Ali são realizados encontros entre parentes. É também um lugar para estar, pensar, rezar, refletir.

Em 14 de setembro, o dia da minha fala, eu fui recebida numa sala muito aconchegante, onde existe uma cobra feita pela parente Rita Huni Kuin e bancos feitos pelos parentes do Xingu. Ali apresentei minha reflexão sobre o papel das mulheres no Alto Governo Tupinambá. Nessa reflexão, venho mostrando como é possível encontrar a presença e a importância das mulheres na história, para além do apagamento e do silenciamento que tentaram nos impor. Também refletimos sobre a volta do manto Tupinambá que se encontra na Dinamarca (Roxo, 2023). Apresentei o que entendo por repatriação e como ela acontece a partir desse lugar de escuta dos mantos e dos Encantados, não somente por uma ação política de articulação entre os países, ou pela reivindicação deste ou daquele grupo. O manto que volta para o Brasil é aquele que os Encantados consideram pronto para voltar. Para além das vontades desses agentes, há a agência do manto e a orientação dos Encantados que prevalecem a todas as decisões humanas, daí a necessidade de desenvolver e respeitar essa sabedoria de escuta.

No dia 17 de setembro, no encerramento da estadia do manto no MCI, os Praiás[5] dos parentes Pankararu do Real Parque realizaram um toré, encontro que representou uma importante afirmação da presença indígena dos povos do Nordeste, tão invisibilizados, e fortaleceu sua resistência.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Tecnologias Ancestrais da Memória Indígena. Pinacoteca de São Paulo



FIG. 9. Glicéria Tupinambá e a obra *Reantropofagia*, de Denilson Baniwa, na sala "Violência e Resistência" da exposição Pinacoteca: Acervo. Foto: Fernanda Pitta. Fonte: acervo da autora.

Do MCI o manto levantou vôo para a Pinacoteca de São Paulo. Durante sua estada na Pinacoteca, de 19 a 23 de setembro, o manto ficou ao lado da obra *Reantropofagia*, do parente Denilson Baniwa. No dia da minha fala, fomos para uma sala na Pinacoteca Contemporânea. Neste dia eu ocupei o ouvido de todos com minha vivência. Falei de memória, de escuta do sensível. Uma pajé do Xingu veio ouvir minha fala, a Amapulu, e eu fiquei satisfeita em conhecê-la. Depois da conversa que tinha o tema "Tecnologias Ancestrais da Memória Indígena"[6], mediada por Aline Ambrósio, voltamos ao circuito da exposição e fiz ali uma outra apresentação breve para o público visitante. Também vesti o manto para que pudessem conhecê-lo e fotografá-lo. Fiz fotos ao lado da obra de Baniwa e respondi a perguntas do público [Figs. 9 e 10a-b].

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963





FIG. 10 (A-B). Glicéria Tupinambá veste o manto para mostrá-lo ao público da Pinacoteca. Foto: Ana Druwe. Fonte: acervo da autora.

O autogoverno, o alto governo e a diplomacia Tupinambá. Museu Paulista

No dia seguinte, o manto foi passar a tarde no Museu do Ipiranga. Chegando lá, fomos primeiro visitar o museu. Fiquei refletindo quando me disseram que este museu tinha um acervo muito difícil de ser mostrado, pois ele foi criado para celebrar a memória dos Bandeirantes e contar uma versão da história centrada nos seus feitos. Uma das pessoas do museu me mostrou os materiais educativos que eles prepararam, que buscam contrapor essas histórias e atualizar o discurso do museu a partir das perspectivas daqueles

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

que foram excluídos de sua narrativa. Eu refleti sobre formas de apresentar as nossas narrativas naquele espaço, e compartilhei com as pessoas que estavam ali presentes que não considero necessário tirar aquelas obras do museu, pois elas fazem parte da história, são testemunho das violências e dos apagamentos. Através delas, nós podemos reencontrar e recontar a nossa presença, a nossa resistência. Nós podemos lê-las a contrapelo.

No Museu do Ipiranga, antes da minha fala[7], eu pude visitar algumas salas de exposição. Numa delas, encontrei uma pintura do artista paulista Oscar Pereira da Silva, chamada *Fundação de São Paulo*, 1554, um óleo sobre tela. Para a surpresa de todos, observando a pintura, eu reconheci um manto tupinambá! Ele veste uma mulher, provavelmente Bartira, tupiniquim, filha do cacique Tibiriçá, cuja aliança com os portugueses foi simbolizada por seu casamento com João Ramalho. Na tela, ela é representada bem no centro, mas um pouco escondida entre os personagens, o padre Jesuíta Manoel de Paiva, entre outros jesuítas como José de Anchieta, que foi sacristão da missa, além de homens indígenas.



FIG. 11. Glicéria Tupinambá aponta para o baú jesuíta representado na pintura de Oscar Pereira da Silva, no Museu Paulista-USP. Foto: Daniel Kairoz. Fonte: acervo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Posso dizer mais uma vez que o manto falou comigo, o manto fala com quem sabe escutá-lo, que somos nós, os tupinambá. Nunca ninguém tinha reparado na presença desse manto vestido por Bartira. Eu também vi representado um baú, e tenho certeza que dentro dele devia estar alguns dos mantos tupinambá levados pelos jesuítas para o Vaticano, para comprovar a conversão dos pajés [Fig. 11]. Foi assim que muitos mantos chegaram ao continente europeu, como analisa Amy Buono em um de seus artigos (2018).

Na pintura, há também muitos adornos tupi. Conversamos sobre a possibilidade de localizá-los nos acervos. Como o artista os representa com muitos detalhes, é possível que os tenha visto ao vivo para poder fazer essa representação. Na época em que a tela foi pintada, os artistas costumavam estudar os objetos em museus e coleções para representá-los, então cremos que seja possível encontrá-los ainda nas reservas técnicas dos museus, ou em ilustrações de objetos Tupinambá que circularam nas publicações de etnógrafos do início do século XX.

Minha pesquisa é baseada nessas conexões que vou fazendo, a partir do que os objetos de minha cultura, presentes em acervos ou representados em telas, gravuras, desenhos vão me contando. Ainda nessa tela eu encontrei outro objeto interessante, um tambor indígena, que está pendurado no pescoço de um personagem logo no primeiro plano. Ele me dá uma pista para afirmar que nós indígenas também temos instrumentos de percussão que criamos. Alguns pesquisadores já chegaram a afirmar que não havia instrumentos de percussão indígenas, que eles foram trazidos para o continente americano pelos africanos escravizados. Essa imagem dá indícios para também pensarmos na presença indígena com seus ritmos e sonoridades.

A minha fala no Museu Paulista aconteceu num espaço anexo ao espaço expositivo do primeiro andar. Além das pessoas que me convidaram para lá estar, várias pessoas pararam para me escutar, para conhecer o manto. Foi muito interessante saber que nunca uma pessoa indígena havia sido convidada para estar naquele museu e fazer uma palestra pública.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Fiquei refletindo sobre isso. O fato de ser a primeira não deve ser motivo de orgulho, mas sim uma razão para que as instituições reflitam sobre o seu papel. Eu afirmei que estava contente de estar lá, mas perguntei aos presentes onde estão neste museu os parentes Guarani-Mbya, a sua cultura, os outros parentes que vivem em São Paulo e fazem desse lugar uma terra indígena. Os Pankararu, os Pankararé, os Pankará, os Wassu, e muitos mais. Espero que o museu se transforme num espaço para eles também.

Vôos e voltas. Aldeia Tapirema e Programa Metrópolis



FIG. 12. Catarina Tupinambá profere rezo na casa de reza da aldeia Tapirema. Foto: Carlos Papá. Fonte: acervo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Do Museu Paulista o manto foi levado pelos representantes do Museu das Culturas Indígenas para a aldeia Tapirema, localizada no litoral sul do estado de São Paulo. Lá ele era aguardado pela liderança Catarina Tupinambá. Este foi um pedido de visita intermediado pelo MCI. Cristine Takuá, do povo Maxakali, é uma das pessoas que desenvolve um trabalho importante nas aldeias de São Paulo e, no seu contato com a aldeia Tapirema, comentou com os moradores de lá que o manto Tupinambá tinha ido para o Museu das Culturas Indígenas, o que despertou o convite de Dona Catarina para que o manto fosse ao seu encontro, ou talvez o manto tenha feito esse chamado a ela. Os membros do comitê curatorial não puderam acompanhar, mas isso faz parte do voo do manto. Ele chama esse tipo de situação. Na aldeia Tapirema o manto foi recebido por um ritual na casa de reza no dia 24 de setembro de 2023 [Fig. 12]. Era o começo da noite, quando os guarani se reuniram naquele local. Dona Catarina proferiu uma fala muito emocionada em guarani, as pessoas fizeram seus rituais em torno do manto. Pudemos ter contato com esse evento através de vídeos e fotografias que nos enviaram. O manto também permaneceu uma semana na aldeia Tapirema. Ele retornou à Casa do Povo pelos cuidados da equipe do MCI.

Neste meio tempo, o programa Metrópolis, que havia me entrevistado na Pinacoteca de São Paulo, fez também um convite para que o manto ficasse um dia na TV Cultura, durante a apresentação do programa. Para nossa comunidade na Serra do Padeiro este foi um evento interessante. Meus pais, Dona Maria da Glória de Jesus e Rosemiro Ferreira da Silva, conhecido como Lírio da Serra, acompanham sempre esse programa de televisão. Eles e outras pessoas da minha aldeia puderam ver o manto na televisão, assistindo um pouco do seu voo. Acontece assim algo que tenho observado como sendo um movimento importante. Transformações que o manto opera chegando à aldeia, não diretamente por mim, mas pelo "mundo lá fora". Isto tem um impacto positivo, pois o povo se reconhece sendo reconhecido. É uma volta mais longa, mas que considero bastante efetiva.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Interseccionalidades. Galeria Reocupa da Ocupação Nove de Julho



FIG. 13. Manto Tupinambá da Serra do Padeiro na galeria Reocupa. Foto: Ding Musa. Fonte: acervo da autora.

O projeto "Manto em Movimento" articulou a visita do manto a espaços em que as mulheres estão na linha de frente. Com isso em mente, convidamos a Ocupação Nove de Julho a participar dessa rede. Levar o manto para a ocupação foi uma oportunidade importante para entender as camadas que envolvem a cidade de São Paulo. Há na cidade muitas pessoas construindo formas possíveis de vida no espaço do concreto. A Ocupação é um espaço de retomada, um prédio abandonado torna-se lugar de moradia para as pessoas, que transformam esse ambiente num lugar com vida. Foi incrível ver os fragmentos da memória que surgem ali. No chão de concreto surge um quintal, uma horta comunitária cheia de plantas alimentícias, ervas medicinais. Minha chegada a esse espaço se conecta com o quintal e com a recepção das pessoas na porta de entrada. Fui conduzida a conhecer

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

este espaço, que para mim é mágico. As sementes têm uma força que germina, toma forma e segue seu caminho em direção à luz do sol. As plantas crescem e a técnica de plantio orgânico recupera o solo, que ainda precisa de nutrientes, mas está vivo. A história do lugar o alimenta. Vi um solo em recuperação pela força da resistência daquelas pessoas. Elas não desistem.

Seguimos para conhecer a cozinha onde as pessoas preparam alimentos produzidos ali. No pátio, pessoas estão sentadas em cadeiras de praia, deitadas nas esteiras, ocupando mesas ao ar livre. Andamos em direção à galeria e sinto o cheiro convidativo da comida. Na descida das escadas vejo as obras do parente Denilson Baniwa e grafismos, reconheço as lutas unidas para somar vozes. O manto estava instalado na sala da galeria Reocupa, todo imponente, levando a força ancestral [Fig. 13]. Os curadores do espaço colocaram o manto em um lugar de destaque, com boa iluminação, dialogando com as outras obras expostas. Foi nesse ambiente acolhedor que realizamos a palestra.

Compreendo o chão por onde estou caminhando e pisando ao encontrar a liderança Carmen Silva. Ela é como um dia de vento forte, sentir sua presença é como sentir o vento nas matas, as árvores balançando de um lado para o outro, ouvir uma voz que tem que ser replicada. Ela fala da necessidade de políticas de acesso, conta a respeito de sua caminhada, do que trilhou, das violações que enfrentou. Fala do direito social de acesso à moradia e de como transformar um lugar vazio em um lugar habitável e cheio de vida.

Demos início à atividade com a presença de parte da equipe do projeto "Manto em Movimento" [Fig. 14]. Fizemos essa abertura nos apresentando, para que as pessoas também se sentissem acolhidas, compartilhando este pouso do manto, o sentido de sua presença. As pessoas fizeram muitas fotos, fazendo esse encontro reverberar bastante nas redes sociais.

Eu me apresentei contando que venho também desse lugar de retomada, da aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, Território Tupinambá de Olivença, sul da Bahia, região cacaueira. Contei a respeito de nossa

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

retomada de identidade, étnica e territorial e de como tudo isso está entrelaçado às técnicas ancestrais, às cosmo técnicas. Conto que o manto não é de minha assinatura exclusiva, ele surge de vários lugares, até ser concebido através das minhas mãos. O manto carrega consigo coletividades, desde as crianças da aldeia, às mulheres e os jovens, os pássaros, os Encantados os sonhos.



FIG. 14. Juliana Caffé, Glicéria Tupinambá, Carmen Silva, Fernanda Pitta, Benjamin e Lila Seroussi na Galeria Reocupa. Foto: Lucas Bambozzi. Fonte: acervo da autora.

É por isso que eu tenho estado em movimento com o manto. Para que sua voz possa ecoar, falando da presença das mulheres indígenas, que foi apagada da história. O público continuou chegando, acomodando-se, continuamos conversando até que todos estivessem aconchegados. Fizemos várias reflexões sobre a presença do manto e como era importante ele estar em um lugar onde a arte é acessível. Um espaço comunitário como a Ocupação, que tem uma cozinha maravilhosa que serve almoço todos os domingos, onde as pessoas chegam e encontram um ambiente familiar, acolhedor.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Houve também um momento de entrevista para o *Jornal da Globo*, mas o dia não foi corrido e tivemos tempo de trocar experiências. Ouvi de Carmen Silva que ela veio da Bahia, da região do Recôncavo. Ela conhece o jereré, ela conhece o que é viver no território. E ela recriou em São Paulo o seu território, com sua coletividade. Sua história é grande e tem um enorme legado. Penso que nos reconhecemos nos nossos processos de resistência, com as suas especificidades. É aquilo que os movimentos sociais e acadêmicos chamam de interseccionalidade (Crenshaw, 2002; Rios, 2020). As formas de opressão que se impuseram sobre nós são múltiplas e interconectadas – racismo, machismo, classismo, colonialismo. Nossas formas de resistência também.

Decolonizar o museu. MASP



FIG. 15. Glicéria Tupinambá em frente ao MASP.
Foto: Ziel Karapotó. Fonte: acervo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Tupinambá pisou no chão;
Eu vir a terra tremer;
Oh cadê meus parentes?
Vai buscar que eu quero vê.

O MASP é um espaço consolidado de arte, em que pudemos observar muitas dinâmicas se sobrepondo. O filme que realizei com Alexandre Mortágua, *Quando o Manto fala e o que o Manto diz*, de 2023, estava sendo mostrado na sala de vídeo do museu. O manto foi convidado a pousar de 24 a 29 de outubro de 2023 em outra mostra do Museu, *Histórias Indígenas*, no núcleo "Tempo não Tempo". Este núcleo da mostra é curado por três curadores indígenas, Kassia Borges, Renata Tupinambá e Edson Kayapó. Eles substituíram a curadora Sandra Benites, que pediu demissão do museu após uma série de questões relativas à mostra *Histórias Brasileiras*, cujo núcleo "Retomadas" foi curado por ela e Clarissa Diniz[8]. A presença forte de Benites, abrindo espaço aos povos indígenas em instituições tão coloniais quanto os museus, significou um esforço necessário para ecoar uma voz que por muito tempo foi silenciada.

Cheguei naquele museu para participar do seminário *Histórias Indígenas*, no dia 21 de outubro de 2023. Sou acompanhada por um grande artista, Ziel Karapotó, cuja obra está presente na exposição coletiva. Observo na frente do MASP uma grande placa que leva o meu nome e de Alexandre Mortágua, junto àquela que indica a presença da exposição *Histórias Indígenas*. Reflito a respeito deste destaque e da dimensão de nossa ocupação deste espaço colonial do museu [Fig. 15].

Passamos, Ziel e eu, pelo controle do museu, pegamos o elevador. Vejo um cartaz com o meu rosto. Passa por mim uma sensação difícil de explicar. Muitos questionamentos vêm à minha mente. Seguimos para a sala de exposição e chego à sala de vídeo. Ao ver as imagens, sinto uma saudade imensa de casa. Penso que estou há muito tempo longe de lá. Relembro de todo o processo de busca por reconectar as memórias da feitura do manto,

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

da sensação de enigma. No início de tudo, eu não tinha a dimensão dos impactos que essa busca iria provocar nos espaços e na sociedade. Ver minha mãe, meu pai, meu filho e ver a força do manto na tela foram muito impactantes para mim. Tudo isso se somou a outro fator para o qual eu não havia me preparado. Um aspecto das artes que é o da comercialização.

Recebi um contato do museu que me colocou as seguintes perguntas: "Você vende o manto? Quanto custa o manto?" Minha reação instantânea foi um "NÃO". O manto tem outra expressão. Ele não está no lugar da arte para ser comercializado como objeto. Ele não está neste espaço para ser transformado em objeto de arte. Eu permito que o manto seja visto como obra de arte, mas entendo que nele estão implicadas várias técnicas, que chamo de cosmo técnicas ancestrais. Há um enigma ainda em seu processo, que está relacionado à possibilidade de que, com ele, se estabeleça uma relação democrática, para que pessoas tenham acesso a ele. Daí provém minha forte convicção de que o manto não pode ficar parado dentro de um espaço só. Seu objetivo maior é o de que ele desperte outras formas de ver e estar no lugar, no território, que não cabem na noção de arte tal como ela ainda aparece nos museus que eu tenho visitado.

O manto é um ancestral percorrendo o território. Daí a impossibilidade de ele ser confinado num acervo, transformado em objeto ou mercadoria. Por isso ele não está à venda. Espero que as pessoas compreendam que o manto é outra coisa. Ele tem uma narrativa que se projeta do passado para o agora, e para um futuro possível. Nele está o chamado para outros mantos, o anúncio de outros mantos, e da volta do manto. Ele faz parte de um processo maior do que uma exposição, um acervo. Seu voo é mais alto.

Refletimos esse episódio e discutimos a seu respeito entre os membros do conselho curatorial. Parte do desafio do projeto é o de lidar com os modos com que os museus concebem seus acervos, suas relações com artistas e criadores, e seus trabalhadores também. Suas práticas colecionistas. É preciso pensar nas relações entre as instituições, e naquelas entre as

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

instituições e as pessoas que estão dentro e fora delas. Fizemos também muitas reflexões nesse sentido ao longo do projeto. Pois os museus e as pessoas que neles trabalham estão muito marcadas por práticas que reforçam a objetificação das nossas culturas, que estão baseadas na posse, na competição, na disputa pela originalidade, pelo ineditismo. O projeto tensionou essas características e propôs esse trabalhar na malha do manto. Convidou a essa reflexão.

O manto confeccionado pela aldeia da Serra do Padeiro, por meio das minhas mãos e pela autorização dos Encantados, é um agente. Sua missão é estar em movimento, é para essa finalidade que ele existe. Para que existam outros mantos também, na expansão desse movimento, e que eles encontrem os nossos mantos ancestrais. Há o desejo e a orientação dada pelos Encantados de que sejam feitos treze mantos, para que se possa reuni-los em um grande ritual. Instituições e museus são convidados a colaborar neste projeto, a criar estratégias conjuntas que possam aliar-se a esse objetivo. Isto convoca o repensar das formas de relação dos museus com a Arte Indígena. Mais que colecionar nossas memórias como obras, que colaborem com processos, desenvolvam parcerias.

Por que não se somarem, por exemplo, a ações a longo prazo, envolvendo comunidades indígenas, colaborando com a promoção de seu fortalecimento? Ao invés de possuir nossos objetos, acolhê-los, quem sabe por períodos determinados, enquanto apoiam o desenvolvimento de projetos comunitários, com outras formas de criar espaços e linhas de frente da nossa luta. São possibilidades que vislumbro nesse diálogo e convido à reflexão.

Françoise Verger, em seu livro *Decolonizar o Museu*, pergunta-se sobre a possibilidade de decolonizar o museu universal. A autora demonstra que o museu não é um espaço neutro. Ela afirma que:

> Ele é um campo de batalhas ideológicas, políticas e econômicas. O museu universal se vê como refúgio ou santuário, mas parece muito distante de

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

> poder assumir esse papel, porque, para interpretá-lo, teria de reconhecer a parte que desempenhou na maneira como a ordem racista, patriarcal e extrativista do mundo se instituiu, e ter a determinação necessária para se insurgir contra ela (Verger, 2023: 13-14).

Na visão da autora é preciso reconhecer que:

> Museus se mobilizam, dialogam com os povos e as comunidades que foram espoliados de seus objetos, outros enfrentam as dificuldades impostas pela decolonização de seus acervos, e outros ainda convidam artistas, ativistas e pesquisadores para refletir e criar com eles.[9]

Verger não apresenta a decolonização como um argumento retórico ou slogan da moda, mas como um processo que requer a vontade de mudanças estruturais. Segundo a autora, não basta exibir obras com temas decoloniais, nem somente ampliar a diversidade de itens expostos. É preciso questionar as condições de trabalho de todos os profissionais da instituição, do pesquisador ao cozinheiro, bem como as hierarquias de gênero, classe etc. que ainda imperam nos museus[10].

Propõe ainda repensar um pós-museu, um museu que "não se alinha às normas de preservação que o Ocidente conseguiu desenvolver graças à sua riqueza"[11]. Ora, nossa "transmissão e preservação transgeracional" não é culto ao passado, mas uma afirmação de nossa existência presente. Resistimos ao discurso universalista, que nos quer aniquilar. Nosso patrimônio é vivo e não se resume à arte destinada ao mercado, nem ao lamento do que foi. Nós disputamos o espaço do museu, ou do pós-museu, como diz Verger, porque ele é uma arena para travar nossas lutas, para disputar não só narrativas, mas nossas presenças.

Rapports. JAMAC

O JAMAC é um projeto artístico social que existe desde 2004 no Jardim Miriam, na cidade de São Paulo (Rivitti, 2012). É uma iniciativa que tem uma

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

estrutura com conhecimento, conceito e prática. Para mim, fazer essa visita com o pouso do manto foi uma imersão.

Chegamos através da cozinha, o melhor jeito de se chegar numa casa. O espaço é aconchegante. Muitos sentimentos me envolvem, saudade da aldeia, felicidade por encontrar um lugar acolhedor e coletivo. Eu estava com muita curiosidade e muita expectativa para saber como seria a palestra e a oficina. Ao chegar, fui acolhida por Mônica Nador, Isabel Gomes e Bruno Oliveira. O manto ainda não havia chegado, estava sendo trazido da Casa do Povo por Olga Torres e Ana Druwe.



FIG. 16. Pouso do manto no JAMAC. Foto: Bruno Oliveira. Fonte: acervo da autora.

Mônica Nador foi a anfitriã e me levou para conhecer todo o espaço, contando cada detalhe da história maravilhosa desse projeto. Adorei ver

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

as mesas grandes para a pintura de tecidos. As estampas que eles realizam lá e nas diversas oficinas que fazem são uma mais bonita que a outra. Eles desenvolveram uma maneira de fazer sobreposições das impressões de modo que cada tecido tem um jeito único, foi surpreendente observar essa característica de cada um, o que eu chamo de "traço".

O espaço em si, esse projeto no seu todo, é uma obra de arte. Nador logo me apresentou o estêncil de dois desenhos meus que eu havia compartilhado com Bruno Oliveira. Em um deles, uma mulher com o manto, e em outro um machado tupinambá. Bruno havia trabalhado previamente nesses desenhos e os imprimiu em transparências. Mônica me mostrou as transparências já cortadas para a impressão, convidando para fazer alguns testes sobre papel, para que eu pudesse compreender a técnica.

Estendemos um papel, pegamos a tinta, colocamos num recipiente e fomos treinando com o rolinho a maneira de espalhá-la sobre uma superfície. É preciso treinar essa aderência, para não colocar tinta demais. Fiz a aplicação sobre o estêncil que estava colocado sobre o papel e ganhei elogios por conseguir imprimir com habilidade pela primeira vez. Eu levo jeito para a coisa! Gosto da linguagem da arte e de suas possibilidades. Interrompemos o teste com a chegada do manto. Fomos arrumá-lo no espaço para que os convidados pudessem observar melhor, tirar fotos e aproveitar da presença do manto [Fig. 16].

Voltamos para o treinamento do estêncil. Eu queria experimentar os desenhos do machado Tupinambá e aprender como posso fazer a sequência de impressões criando uma padronagem com eles. Esse efeito me chamou atenção pela impressão espelhada, com movimento. Bruno Oliveira me explicou que em estamparia existem várias maneiras de criar uma estampa pela repetição. É possível sequenciar, espelhar, entrelaçar. Dessas composições se tira um módulo, é de sua repetição que se faz uma padronagem. Os tipos de combinações e repetições são chamados rapport - Bruno falou disso comigo.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Fomos interrompidos pela chamada - o almoço está na mesa! Fomos para uma mesa do lado de fora do espaço, onde o pessoal faz os cortes dos stencils. Os alimentos foram chegando, um mais gostoso do que o outro. O tempero de Isabel era de pura alegria. Junto do almoço uma linda conversa [Fig. 17]. A resenha do dia foi o pastel de vento, trazido da feira que acontece logo perto do JAMAC todos os domingos. O pastel de vento, massa de pastel frita sem recheio, requer que você use a força da imaginação. Com ela, você pode sentir o sabor que você deseja rechear. Conversamos sobre a pimenta que foi servida, pimenta da forte. Eu usei e achei muito boa, não tão boa quanto a da aldeia, que é fresquinha do pé.



FIG. 17. Almoço no JAMAC. Foto: Bruno Oliveira. Fonte: acervo da autora.

Os convidados foram chegando enquanto nos alimentávamos e em seguida voltamos para dentro do espaço para a minha apresentação. Dialogamos sobre outras possíveis narrativas sobre os povos originários, sobre a técnica da feitura dos mantos e como ela é cheia de ensinamentos.

Em seguida, fomos para a oficina de estêncil, onde eu havia parado a aplicação do estêncil do machado tupinambá. Eu consegui fazer a aplicação

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

que ficou como um rio em movimento [Fig. 18]. Todos fizeram estêncil de diferentes cores. Crianças e adultos estamparam sobre papel, sobre camisetas, experimentando diferentes cores e combinações. Foi muito gratificante ver como uma oficina funciona e produz resultados.

Ganhei um pedaço de tecido do JAMAC, vou levá-lo para a aldeia, vamos colocá-lo na casa de reza. Fizemos muitas fotos com o manto, na parte de fora da casa onde a parede está repleta dos stencils feitos lá. Foi uma grande troca de saberes. O pouso do manto proporciona grandes parcerias, ele nos conecta.



FIG. 18. Aprendizado do estêncil. Foto: Bruno Oliveira. Fonte: acervo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Mandaram me chamar. PUC SP

"Tava na aldeia mandaram me chamar
Tava na aldeia mandaram-me chamar
Ou meu Deus do céu o que será
O cacique e o pajé mandará me chamar"

Esse canto do povo pankararé resume minha presença e a presença do manto na PUC de São Paulo. A ida para lá aconteceu no dia 6 de novembro 2023. Antes da ida, eu estava pensando como seria esse encontro no espaço em que os parentes estão lutando para retomar o espaço da Universidade. É um espaço para se fazer presente, trazer a memória e a presença indígena de vários povos de São Paulo, uma presença que precisa estar entre os estudantes, mas também nos currículos, nas cadeiras docentes. O programa Pindorama da PUC São Paulo foi criado em 2001, oferecendo bolsas de estudos para estudantes indígenas. Segundo informa o site do programa, ele foi:

> O fruto dos esforços conjuntos do jovem Xavante Hiparindi Top'tiro, que trazia a demanda de 36 jovens que faziam o Cursinho Pré-Vestibular da Poli, do empenho das professoras da PUC-SP – a psicóloga Profa. Ana Maria Battaglin e da antropóloga Profa. Lúcia Helena Rangel –, e do coordenador da Pastoral Indigenista da Arquidiocese de São Paulo, Prof. Benedito Antônio Prezia.[12]

Também segundo os dados fornecidos pelo site, até 2019, quando o programa fez 18 anos, formaram-se através dele "89 jovens", entre eles pessoas como Naine Terena, Clarice Pankararu, tendo passado por ele cerca de 203 pessoas. São números expressivos, que fazem refletir sobre questões como acolhimento, permanência, e sobre nossa presença nesses espaços. Sobre como esta é uma tarefa contínua que exige escuta, criatividade. Reflito sobre a luta dos povos indígenas pela educação escolar indígena diferenciada, sobre as discussões sobre vestibular indígena, a reserva de

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

vagas em concursos. Também penso na lei n. 11.645 /08, que determina a inclusão obrigatória da história e cultura indígena no currículo oficial das escolas. Tudo isso é fruto de muita luta, muita insistência e resistência.

No momento em que chegamos na PUC SP não havia luz. Eu fui para lá acompanhada de Fernanda Pitta, logo chegou Benjamin Seroussi. O manto já se encontrava no espaço designado para que ele ficasse por uma semana, tempo de duração da Semana do Programa Pindorama, a "15a. Retomada Indígena: decolonialidade, terra e ancestralidade". Estavam presentes a reitora da PUC SP, Maria Amalia Pie Abib Andery, professores e parentes do povo Pankararé. Foi muito acolhedor. É muito especial quando os povos se encontram e se reconhecem. Estão juntos. Falamos ao mesmo tempo, nosso tom de voz é alto, sorrimos e damos risadas. É possível escutar a quadras de distância. Isto é a Bahia! Isto são os povos indígenas do Nordeste! É uma alegria contagiante. Logo saiu um toré para celebrar os Encantados. É o primeiro encontro de muitos encontros. Vimos o quanto estamos próximos, o quanto é parecida a nossa espiritualidade [Fig 19].



FIG. 18. Encontro com os parentes Pankararé na PUC SP.
Fonte: acervo da autora.

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Celebramos com comida e isso é de nossa natureza. "A felicidade começa pelas tripas", é o que diz minha mãe, Maria da Glória de Jesus. As tripas alimentadas dão espaço para pensar em outras coisas. Conversamos a respeito de encontros futuros, para articular nossas presenças nos espaços. Conversamos sobre a necessidade de conhecermos o que fazemos, especialmente artistas indígenas que estão na resistência e na retomada do campo das artes. Eu me empolguei bastante. Ficaram ecoando na minha cabeça as palavras desse canto de toré:

> Cheguei aqui agora cheguei de pé no chão; Mais eu cheguei aqui agora da aldeia da missão; mais sou uma cabocla Índia de Maracá na mão; Eu cheguei aqui agora eu cheguei de pé; Mais eu cheguei aqui agora da aldeia; para cumprir minha missão.

Conclusão

Quando da redação deste artigo, o projeto "Manto em Movimento" entrava em seu período final. Ainda estavam previstos os pousos no Instituto Moreira Salles, no Festival Zum, no Memorial da Resistência, no Instituto Tomie Ohtake e no MAC USP, sendo o projeto encerrado no dia 9 de dezembro de 2023, com uma mesa no MAC USP, seguindo para a finalização na Casa do Povo.

No Instituto Moreira Salles, no âmbito do Festival Zum, o manto reafirma a presença reconhecida pela bolsa Zum, contemplada em 2022, para o trabalho desenvolvido em parceria com Mariana Lacerda e Patricia Cornis, com o vídeo *Nós somos pássaros que andam*, de 2023, exibido na mostra dos 10 anos da bolsa Zum, no Pivô. O vídeo é mais uma estratégia para narrar a presença dos mantos em nossa cultura, nosso território, nossa luta.

O Memorial da Resistência é um espaço de memória criado para lembrar daqueles que resistiram à ditadura militar, e que hoje se dedica

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

também a pensar em outras formas de resistência no território de São Paulo. Soube que ele fica em uma região da cidade conhecida como Cracolândia, em que pessoas usuárias lutam por dignidade, por respeito e constroem suas redes de solidariedade.

O pouso no Instituto Tomie Ohtake aconteceria no âmbito de duas exposições em que há forte presença indígena, o Ensaios para o *Museu das Origens* e a exposição *Até a Amazônia com Ailton Krenak*, com fotos de Hiromi Nagakura. No final da viagem do manto ocorre uma mesa redonda no MAC USP, cuja proposta é uma conversa do comitê curatorial completo, para refletir sobre todo esse processo. Encerrando, celebramos o final do projeto na Casa do Povo, que nos acolheu desde o início.

Cada lugar, cada encontro, provocou reflexões que trarei comigo sobre a importância do debate, e também sobre a necessidade de atenção aos desafios que precisam ser encarados coletivamente. A viagem do manto coloca a relevância e urgência de uma reelaboração de concepções de mundo em que todos estamos implicados. Sair do lugar de conforto, de comodidade dos valores estabelecidos, do modo de vida que trouxe o planeta e a vida como um todo ao ponto em que estamos. A presença do manto e a sua circulação fazem parte dessa ruptura, que não só visa adiar o fim do mundo, como nos convoca o parente Ailton Krenak, mas instaurar outros mundos possíveis. Eles são possíveis, o manto nos diz dessa possibilidade. Espero ter deixado claro que o esforço que fizemos para mergulhar num diálogo e numa escuta direta e franca não tem nada mais, nada menos, do que este objetivo.

Referências

BUONO, A. Seu tesouro são penas de pássaro: arte plumária tupinambá e a imagem da américa. *Figura: Studies on the classical tradition*, v. 6, n .2, p.13-29, 2018.

CAFFÉ, J.; GONTIJO, J. Expor o sagrado: o caso do manto tupinambá na exposição Kwá Yepé Turusú Yuriri Assojaba Tupinambá. *MODOS: Revista de História da Arte*,

MODOS
revista de história da arte
volume 8 | número 2
maio - agosto 2024
ISSN: 2526-2963

Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 23–47, 2023. DOI: 10.20396/modos.v7i2.8670562. Acesso em: 15 nov. 2023.

CASA DO POVO. Manto em movimento (texto de apresentação do projeto). https://casadopovo.org.br/manto-em-movimento/ , acesso em 13 nov. 2023.

CRENSHAW, K. *A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero. Cruzamento: raça e gênero*. Brasília, DF: Unifem, 2002

KRENAK, A. *Futuro Ancestral.* São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

_____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUSEU PAULISTA. Eventos realizados. Disponível em: https://museudoipiranga.org.br/eventos-realizados/; acesso em 13 nov. 2023.

Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani. https://casadopovo.org.br/nhandei-vae-reko-aprendendo-sobre-o-modo-de-ser-guarani/; acesso em 13 nov. 2023.

RIOS, Flavia. O que é interseccionalidade e qual sua importância para a questão racial? *Nexo Políticas Públicas*, 8 set. 2020.

RIVITTI, T. (org.). *Jamac: Jardim Miriam Arte Clube*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Luciana Brito Galeria, 2012.

ROXO, E. A volta do manto Tupinambá. *Revista Piauí,* 27 jun. 2023. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/volta-do-manto-tupinamba/; acesso em 15 nov. 2023.

TUPINAMBÁ, G., TUGNY, A., SEROUSSI, B., PITTA, F., CAFFÉ, J., GONTIJO, J. Manto em movimento (texto curatorial). São Paulo: Casa do Povo, 2023.

VERGER, F. *Descolonizar o museu. Programa de desordem absoluta.* São Paulo: Ubu Editora, 2023.

Notas

* Mestranda em Antropologia, PPGAS- Museu Nacional. E-mail: gliceliatupinamba@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8369-3882.

1 A Casa do Povo foi inicialmente fundada para servir como ponto de apoio para imigrantes judeus, fragilizados pela Segunda Guerra Mundial e depois para resistir aos fascismos e à ditadura. Ali foi formada uma biblioteca em língua ídiche, que existe até hoje; funcionaram por muitos anos uma escola judaica e uma companhia de teatro ídiche; e editava-se um jornal da comunidade. Atualmente, a Casa do Povo sedia oficinas, debates e projetos culturais de diversos grupos e origens, valorizando a diversidade cultural e a convivência. Mais informações em: https://casadopovo.org.br/sobre/.

2 *Ibidem*.

3 Nhande'i va'e reko: aprendendo sobre o modo de ser guarani. https://casadopovo.org.br/nhandei-vae-reko-aprendendo-sobre-o-modo-de-ser-guarani/, acesso em 13 nov. 2023.

4 O *petynguá* é uma espécie de cachimbo de madeira ou argila muito utilizado pelos guarani como forma de conexão espiritual.

5 O praiá é um traje ritual feito de fibras que evoca os encantados, usado pelo povo Pankararu, originário de Pernambuco. Há várias famílias Pankararu vivendo na cidade de São Paulo, que guardam e fazem dançar algumas dessas máscaras de corpo inteiro.

6 Tecnologias Ancestrais da Memória Indígena, atividade realizada no âmbito do projeto Manto em Movimento e da 17ª Primavera dos Museus, na Pinacoteca de São Paulo, com organização de Aline Ambrósio. https://pinacoteca.org.br/programacao/atividades/projetos/17a-primavera-dos-museus-tecnologias-ancestrais-da-memoria-indigena-roda-de-conversa-com-gliceria-tupinamba-sobre-projeto-manto-em-movimento/, acesso em 13 nov. 2023.

7 A fala também integrou a 17a edição da Primavera dos Museus, que tem como tema "Memórias e democracia: pessoas LGBT+, indígenas e quilombolas". ver: Eventos realizados, https://museudoipiranga.org.br/eventos-realizados/ , acesso em 13 nov. 2023.

8 Ver: "Curadoras de exposição cancelada no MASP lançam nota oficial", disponível em: https://mst.org.br/2022/05/16/curadoras-de-exposicao-cancelada-no-masp-lancam-nota-oficial/; "Carta das curadoras após MASP voltar atrás de veto às fotos do MST", disponível em: https://mst.org.br/2022/05/26/carta-das-curadoras-apos-masp-voltar-atras-de-veto-as-fotos-do-mst/ e; "1ª curadora indígena do Masp pede demissão após exclusão de fotos do MST em mostra", disponível em: https://mst.org.br/2022/05/18/1a-curadora-indigena-do-masp-pede-demissao-apos-exclusao-de-fotos-do-mst-em-mostra/. Acesso em 15 nov. 2023.

9 *Idem*: 14.

10 *Idem*:15.

11 *Idem*:42.

12 Programa Pindorama. Disponível em: https://www.pucsp.br/pindorama/nossa-historia; acesso em 15 nov. 2023.

Artigo submetido em novembro de 2023. Aprovado em abril de 2024.